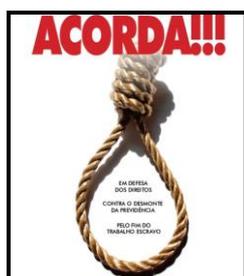


BRASÍLIA-DF – 31/10/2017

Convocatória para o Dia Nacional de Mobilização em Defesa dos Direitos



Prezados (as) Companheiros (as),

Com a aprovação da reforma trabalhista que entra em vigor a partir de dia 11 de novembro, conquistas históricas da classe trabalhadora serão subtraídas e muitas das suas entidades de representação serão imediatamente aniquiladas.

Definitivamente, a situação é extremamente crítica, praticamente uma questão de vida ou morte. Somente uma mobilização ampla e irrestrita de trabalhadores, sindicatos, federações, confederações e centrais sindicais será capaz de reverter o cenário nebuloso que ora se apresenta.

Diante disso, está confirmado para o dia 10 de novembro do corrente ano, o **Dia Nacional de Mobilização em Defesa dos Direitos**, que ocorrerá em todo o país, em especial nas capitais – às vésperas da implementação definitiva das normas inseridas na “reforma” trabalhista.

Portanto companheiros (as), no dia **10 de novembro**, estaremos diante daquele que, muito provavelmente, será o dia mais importante de toda a nossa trajetória sindical. Será o dia de reafirmarmos nosso compromisso histórico com a classe trabalhadora e a soberania do nosso povo. Será o dia em que todos os nossos esforços e décadas de lutas estarão à prova.

Nesse sentido, convocamos todas as entidades filiadas à NCST para participar dessa grande mobilização com o intuito de mais uma vez demonstrar todo o descontentamento e indignação dos trabalhadores em face dessa covarde usurpação dos históricos direitos trabalhistas. Para tanto, a NCST nacional sugere que as suas representações estaduais, sindicatos, federações e confederações filiadas, dentro das suas possibilidades, mobilizem o máximo de companheiros (as) possíveis para reforçarem as fileiras nessa grandiosa luta. Sendo o que há para o momento, desde já contamos com a mobilização e compreensão de todos, ao tempo em que ficamos à disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

JOSÉ CALIXTO RAMOS
Presidente – NCST

(Imprensa NCST)

O problema do Brasil é o ódio ao pobre

As noções de patrimonialismo e populismo são as ideias-guia que permitem à elite arregimentar a classe média. Elas, afinal, são as guardiãs da “distância social” em relação aos pobres, que é a pedra de toque da aliança antipopular construída no Brasil para preservar o privilégio, acesso aos capitais econômico e cultural, de 20% contra os 80% de excluídos.



por Jessé Souza

Este artigo é o resumo parcial de um fio condutor que percorre meu último livro, lançado em setembro pela editora Leya com o título *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Na publicação, busco enfrentar o desafio ambicioso de formular uma gênese histórica alternativa à narrativa hoje dominante, seja na direita, seja na esquerda do espectro político, da sociedade brasileira contemporânea. Como já defendi em outras obras, minha tese é a de que o liberalismo conservador é a narrativa oficial do Brasil moderno, inclusive para a esquerda colonizada intelectualmente pela direita. Os pais fundadores dessa leitura são Sérgio Buarque e Raymundo Faoro. A partir da entronização desses autores como referência universitária para a formação de todas as elites e, como consequência dessa consagração, também de tudo que a grande imprensa diz sobre o país, passa a existir um grande consenso inarticulado e pré-reflexivo que contamina praticamente tudo que se formule sobre o país no nível mais explícito dos argumentos.

É necessário quebrar a hegemonia dessas ideias arcaicas e conservadoras para que a teoria e a prática política brasileira possam mudar de modo efetivo. A histeria acerca da corrupção política, por exemplo, identificada pela população e pela imprensa como o maior problema nacional, advém do domínio dessas ideias. A identificação de uma suposta elite todo-poderosa no Estado, e não no mercado, suprema tolice que possibilita a virtual invisibilidade da ação predatória dos oligopólios e da intermediação financeira, também é fruto dessa hegemonia. De resto, toda a cantilena da corrupção como herança cultural portuguesa, do advento de um patrimonialismo pré-moderno cujo racismo implícito já critiquei, serve para que supostas “heranças culturais” pensadas como “heranças de sangue” fiquem no lugar de uma análise científica dos conflitos sociais e da gênese da desigualdade social. A tese dominante do patrimonialismo, como leitura hegemônica sobre a sociedade brasileira, foi a responsável por tomar a corrupção política como aspecto central e a desigualdade social como questão secundária. É essa inversão absurda de perspectiva e de prioridade que o livro pretende corrigir.

Essa tese do patrimonialismo ocupa o lugar da centralidade da escravidão entre nós e representa uma estratégia de tornar invisível a própria herança desta. Embora no livro eu reconstrua a escravidão e seus efeitos desde o Brasil Colônia, aqui a limitação de espaço me obriga a inquirir acerca de sua feição mais moderna. Como se constrói, no século XX, uma sociedade que reproduz todas as iniquidades do ódio, humilhação e desprezo contra os mais frágeis que caracterizam a escravidão?

Minha tese é que isso foi realizado como programa político conduzido conscientemente pela elite econômica, em primeiro lugar a elite paulistana, como forma de assegurar para si a condução ideológica da sociedade e limitar a ação política dos setores populares mesmo em um contexto de sufrágio universal. A astúcia da elite foi perceber, já no início do século XX, quando uma classe média começa a despontar de modo incipiente nas grandes cidades brasileiras, que, se os pobres poderiam ser oprimidos pelo cassetete e pelo fuzil dos policiais, a classe média exigia uma estratégia alternativa. Ao contrário da violência material, aplicada indiscriminadamente contra os pobres, contra a classe média a violência teria de ser “simbólica” para produzir cooptação e “convencimento”.

A perda do poder político para Getúlio Vargas vai ser o ponto de inflexão dessa estratégia. Nesse momento, a elite econômica paulistana vai procurar se utilizar de seu “poder material” para construir as bases do seu “poder simbólico”. A ideia-guia foi construir uma hegemonia ideológica como forma tanto de reconquistar o poder político como de limitar o poder dos eventuais inimigos de classe alçados ao controle do Estado.

A classe média não é uma classe necessariamente conservadora. Também não é uma classe homogênea. O Movimento Tenentista, conhecido como o primeiro movimento político comandado pelos “setores médios” no Brasil, revela bem essas características. Ainda que tenha sido protagonizado por oficiais militares de baixa e média patente (daí o nome “tenentismo”) a partir dos anos 1920, o movimento refletia já a nova sociedade mais urbana e moderna que se criava. A parte rebelde da instituição militar era uma expressão desses novos anseios.

A oposição ao pacto conservador da República Velha, com suas eleições fraudadas e restritas, era o ponto de união entre os tenentistas. Dentro do movimento, no entanto, conviviam desde as demandas liberais por voto secreto e por maior liberdade de imprensa até o desejo de um Estado forte como meio de se contrapor ao mandonismo rural. Parte do grupo se radicalizou politicamente na Coluna Prestes, cujo líder, Carlos Prestes, seria o fundador do partido comunista brasileiro. Parte do grupo se alinhou desde a Revolução de 1930 com Getúlio Vargas, enquanto outra parte exerceu ferrenha oposição a ele todo o tempo. O nosso primeiro movimento político com claro suporte e apoio da classe média já mostra a extraordinária multiplicidade de posições políticas que essa classe pode abrigar.

Quando Sérgio Buarque elegia o “patrimonialismo” das elites que habitam o Estado como o grande problema nacional, ele não estava dando vida, portanto, a nenhum sentimento novo. A “corrupção do

Estado” era uma das bandeiras centrais do tenentismo. Poder-se-ia, por exemplo, perceber a corrupção do Estado como efeito da captura deste pela própria elite econômica que o usa para defender e aprofundar seus privilégios. Isso teria levado a uma conscientização coletiva dos desmandos de uma elite apenas interessada na perpetuação de seus privilégios.

Não foi essa a interpretação que prevaleceu. A elite do dinheiro paulista, que havia perdido o poder político, ainda que mantido o econômico, agiu de modo astucioso, calculado e planejado. Percebeu claramente os sinais do novo tempo. A truculência do “voto de cabresto” estava com os dias contados. No lugar da “violência física” deveria entrar a “violência simbólica” como meio de garantir a sobrevivência e a longevidade dos proprietários e seus privilégios.

Com o Estado na mão dos inimigos, a elite do dinheiro paulistana descobre a “esfera pública” como arma. Se não se controla mais a sociedade com a farsa eleitoral acompanhada da truculência e da violência física, a nova forma de controle oligárquico tem de assumir novas vestes para se preservar. O domínio da “opinião pública” parece ser a arma adequada contra inimigos também poderosos. O que estava em jogo aqui era a captura agora intelectual e simbólica da classe média letrada pela elite do dinheiro, formando a “aliança de classe dominante” que marcaria o Brasil daí em diante.

Como se construiu esse projeto no alvorecer do século XX?

A USP, a universidade do estado de São Paulo, foi criada por essa mesma elite desbancada do poder político e pensada como a base simbólica, uma espécie de think tank gigantesco do liberalismo brasileiro a partir de então, desse projeto bem urdido de contrapor a força das ideias generalizadas na sociedade contra o poder estatal, desde que este seja ocupado pelo inimigo político, à época representado por Getúlio Vargas.

Sérgio Buarque é menos o criador e mais o sistematizador mais convincente do moralismo “vira-lata” que irá valer, a partir de então, como versão oficial pseudocrítica do país acerca de si mesmo. Como o “Estado corrupto” passa a ser identificado como o mal maior da nação, a elite do dinheiro ganha uma espécie de “carta na manga” que pode ser usada sempre que a “soberania popular” ponha no governo, inadvertidamente, alguém contrário aos interesses do poder econômico. Com base nesse eixo intelectual eivado de prestígio, essa concepção se torna dominante no país inteiro. Toda a vida intelectual e letrada vai respirar os novos ares. Isso não significa obviamente dizer que a USP não tenha produzido coisa distinta do liberalismo conservador das elites. Florestan Fernandes e sua atenção aos conflitos sociais realmente fundamentais provam o contrário. Existe uma tradição nesse sentido também por lá. Mas essa tendência é menos poderosa que a versão dominante, posto que sem a network com as editoras, as agências de financiamento, a grande imprensa e seus mecanismos de consagração; além de ela própria ter assimilado aspectos importantes da tradição conservadora elitista como a aceitação implícita ou explícita da tese do patrimonialismo.

Desde essa época o “liberalismo conservador”, baseado no falso



moralismo da “higiene moral” da nação, vai ser a pedra de toque da arregimentação da classe média. Isso não significa dizer que o moralismo não tenha eco também nas outras classes. Em alguma medida esse discurso nos toca a todos. Mas na classe média ele está em “casa”. É que as classes sociais estão sempre disputando não apenas bens materiais e salários, mas também prestígio e reconhecimento, ou em uma palavra: legitimação do próprio comportamento e da própria vida.

As classes superiores, que monopolizam capital econômico e cultural, têm de justificar, portanto, seus privilégios. O capital econômico se legitima com o “empreendedorismo” de quem “dá emprego” e ergue impérios, e com o suposto bom gosto inato de seu estilo de vida, como se a posse do dinheiro fosse mero detalhe sem importância.

A legitimação dos privilégios da classe média é distinta. Como seu privilégio é invisível pela reprodução da socialização familiar que esconde seu trabalho prévio de “formar vencedores”, ela é a classe por excelência da meritocracia e da superioridade moral. Estas servem para distingui-la e para justificar seus privilégios em relação tanto aos pobres como aos ricos. É que, se os pobres são desprezados, os ricos são invejados. Existe uma ambiguidade nesse sentimento, em relação aos ricos, que vincula admiração e ressentimento.

A suposta superioridade moral da classe média dá à sua clientela tudo aquilo que ela mais deseja: o sentimento de representar o melhor da sociedade. Não só é a classe que “merece” o que tem por esforço próprio, conforto que a falsa ideia da meritocracia propicia, mas também a classe que tem algo que ninguém tem, nem os ricos, que é a certeza de sua “perfeição moral”.

Como na imensa maioria dos casos não possui os meios para se envolver nas grandes negociatas que manipulam milhões, a classe média não tem sequer, na prática, o dilema moral de se deixar ou não corromper. Como justificação e legitimação da própria vida, o esquema moralista é, portanto, perfeito. Em relação aos poderosos, a classe média pode se ver sempre como “virgem imaculada” e moralmente perfeita.

A elite do dinheiro soube muito bem aproveitar as necessidades de justificação e de autojustificação dos setores médios. “Comprou” uma inteligência para formular uma “teoria liberal moralista” feita com precisão de alfaiate para as necessidades do público que queria arregimentar e controlar. Esse tipo de “compra” da elite intelectual pela elite do dinheiro não se dá apenas nem principalmente com dinheiro. São os “mecanismos de consagração” de um autor e de uma ideia seguindo, aparentemente, todas as regras específicas do campo científico.

Mas a quem pertencem os jornais, as editoras e os bancos e empresas que financiam os prêmios científicos? Desse modo, sem parecer “compra”, o expediente é muito mais bem-sucedido. Depois, usou sua posição de proprietária dos meios de produção material para se apropriar dos meios simbólicos de produção e reprodução da sociedade. É aqui que entra a relação que existe até hoje entre imprensa, universidade, editoras e capital econômico.

Todo o discurso elitista e conservador do liberalismo brasileiro está contido em duas noções que foram desenvolvidas na USP – a universidade criada pela elite antiestatal paulistana – e depois ganharam o Brasil: as ideias de “patrimonialismo” e de “populismo”.

Se o patrimonialismo torna invisível a base real do poder social ao estigmatizar o Estado e seus ocupantes sempre que as eleições ponham alguém não palatável pela elite da rapina econômica na disputa eleitoral, o populismo estigmatiza qualquer pretensão popular.

A noção de “populismo”, atrelada a qualquer política de interesse dos mais pobres, serve para mitigar a importância da soberania popular como critério fundamental de qualquer sociedade democrática. Afinal, como os pobres, coitadinhos, não têm mesmo nenhuma consciência política, a soberania popular e sua validade podem ser sempre, em graus variados, postas em questão.

O “voto inconsciente” corromperia a validade do princípio democrático por dentro. A proliferação dessa ideia na “esfera pública” por meio da sua “respeitabilidade científica” e depois pelo aparato legitimador midiático, que o repercute todos os dias de modos variados, é impressionante. Os best-sellers da ciência política conservadora comprovam a eficácia dessa balela.

As noções de patrimonialismo e de populismo, distribuídas em pílulas pelo veneno midiático diariamente, são as ideias-guia que permitem à elite arregimentar a classe média como sua “tropa de choque” sempre que necessário. Elas, afinal, são as guardiãs da “distância social” em relação aos pobres, que é a pedra de toque da aliança antipopular construída no Brasil para preservar o privilégio, acesso aos capitais econômico e cultural, de 20% contra os 80% de excluídos em alguma medida significativa.

O segundo ponto da justificação da classe média para baixo, em relação às classes populares, é o ponto mais interessante e que a transforma definitivamente na marionete perfeita da elite do dinheiro. A classe média brasileira possui um ódio e um desprezo pelo “povo” cevados secularmente. Essa é talvez nossa maior herança intocada da escravidão, nunca verdadeiramente compreendida e criticada entre nós.

Para que se possa odiar o pobre e humilhá-lo, tem-se de construí-lo como culpado de sua própria (falta de) sorte e ainda torná-lo perigoso e ameaçador. Se possível, deve-se humilhá-lo, enganá-lo, desumanizá-lo, maltratá-lo e matá-lo cotidianamente.

Era isso que se fazia com o escravo e é exatamente a mesma coisa que se faz com a “ralé de novos escravos” hoje em dia. Transformava-se o trabalho manual e produtivo em vergonha suprema, como “coisa de preto”, e depois se espantava que o negro não enfrentasse o trabalho produtivo com a mesma naturalidade que os imigrantes estrangeiros, para quem o trabalho era símbolo de dignidade. Dificultava-se de todas as formas a formação da família escrava, e nos espantamos com as famílias desestruturadas dos nossos excluídos de hoje, mera continuidade de um ativismo perverso para desumanizar os escravos de ontem e de hoje.

Os escravos foram sistematicamente enganados, compravam a alforria nas minas e eram escravizados novamente e vendidos para outras regiões, eram brutalizados, assassinados covardemente. A matança continua também agora, com os novos escravos de todas as cores. O Brasil tem mais assassinatos – de pobres – que qualquer outro país do mundo. São 60 mil pobres assassinados por ano no Brasil. Existe uma guerra de classes hoje declarada e aberta. Construiu-se toda uma percepção negativa dos escravos e dos seus descendentes como feios, fedorentos, incapazes, perigosos e preguiçosos, isso tudo de forma irônica, povoando o cotidiano com ditos e piadas preconceituosas, e hoje muitos se comprazem em ver a profecia realizada. Não se entende a miséria permanente e secular dos nossos excluídos sociais sem esse ativismo social e político covarde e perverso de nossas classes “superiores”.

O ódio secular às classes populares parece-me a mais brasileira de todas as nossas singularidades sociais. Como os preconceitos são sociais, e não individuais, como somos inclinados a pensar, todas as classes superiores no Brasil partilham desse preconceito. Ainda que, mais uma vez, ele esteja verdadeiramente “em casa” na classe média. Ainda que a classe média seja muito heterogênea, toda ela, sem exceção, inclusive o autor que aqui escreve, é portadora em maior ou menor grau desse tipo de preconceito. De alguma maneira “nascemos” com ele, o introjetamos e o incorporamos, seja de modo inconsciente e pré-reflexivo, seja de modo refletido e consciente, como ódio aberto. Mesmo quem critica os preconceitos os têm dentro de si, como qualquer outra pessoa criada no mesmo ambiente social. O que nos diferencia é a vigilância em relação a eles e a tentativa de criticá-los de modo refletido em alguns, e não em outros. Mas todos nós somos suas vítimas.

* **Jessé Souza** é sociólogo e autor, entre outros livros, de *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato* (Leya, 2017), lançado em setembro e do qual este artigo foi extraído.

(Le Monde Diplomatique Brasil)

MG: Lançamento oficial do Fórum das Mulheres



Na última sexta-feira, 27, foi lançado de forma oficial o Fórum Estadual das Mulheres Trabalhadoras das Centrais Sindicais. A iniciativa conta com a participação e o apoio das centrais e visa a inserção da mulher na luta por igualdade e respeito no mundo do trabalho e na sociedade como um todo.

(NCST-MG)

PR: Sintrascopa divulga relatório das atividades desenvolvidas



Com a finalidade de tornar público os principais projetos e atividades desenvolvidos, o Sindicato dos Trabalhadores em Cooperativas de Palotina e Região – **Sintrascopa** elaborou e distribuiu um relatório contendo as principais ações realizadas pela entidade sindical com o objetivo de melhorar cada vez mais a qualidade de vida dos trabalhadores em cooperativas e seus dependentes.

No Brasil, os sindicatos são atores sociais que reivindicam e organizam a classe trabalhadora no contexto de uma democracia representativa e também participativa, como previsto na Constituição Federal de 1988. Nas últimas décadas, o Movimento Sindical brasileiro, além da organização e defesa dos direitos da classe trabalhadora, tem exercido um importante papel na vida social buscando melhorias constantes no ambiente de trabalho. “Se engana quem pensa que o sindicato foi criado apenas e tão somente para lutar por reajustes salariais, a nossa luta vai muito, além disso”, revela o presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores Celetistas nas Cooperativas no Brasil - **Fenatracoop**, presidente do Sintrascopa e vice-presidente da Nova Central Sindical de Trabalhadores – **NCST**, Mauri Viana Pereira.

No relatório entregue as autoridades, imprensa e dirigentes cooperativistas, constam um breve relato a história do sindicato Sintrascopa e sobre o movimento sindical brasileiro, além de destacar as principais ações desenvolvidas pelo sindicato nos últimos anos. Ações, como por exemplo, a parceria com o Instituto de Educação Contemporânea À Distância – **IECAD** onde 20 trabalhadores tiveram a oportunidade de concluir o ensino médio. A parceria com a Fundação de Apoio da Universidade Federal do Paraná – **FUNPAR** que possibilitou a realização de dois cursos profissionalizantes: Radiologia e Técnico de Segurança do Trabalho, onde 14 trabalhadores participaram e concluíram os cursos.

CORTE COSTURA - O Curso de Corte e Costura, realizado pelo sindicato Sintrascopa visou fornecer conhecimento básico no manuseio de máquinas de costura reta e overlock, com intuito de formar mão-de-obra especializada, proporcionando aos alunos, uma atividade rentável e capaz de concorrer no mercado formal e informal de trabalho, além incentivar atitudes responsáveis e produtivas. O objetivo do curso foi de fornecer conhecimentos e habilidades necessários para iniciar a carreira de costureira (o) ou até mesmo abrir seu próprio ateliê de costura. 58 pessoas concluíram o curso e foram certificadas.

INFORMÁTICA - No mundo contemporâneo, dominar o básico do universo da informática é essencial para, inclusive, comunicar-se. No mercado de trabalho, conhecer as funcionalidades de um computador se tornou uma necessidade e não há mais espaço para quem possui esse déficit de conhecimento. Com a finalidade de possibilitar aos trabalhadores em cooperativas e seus dependentes, o conhecimento básico e necessário para se ter acesso ao computador, o sindicato Sintrascopa realizou curso de Informática. 290 pessoas participaram do curso oferecido pelo sindicato.

BEM ESTAR - Pensando na melhora da qualidade de vida dos trabalhadores, o sindicato Sintrascopa disponibilizou atendimento com medicina naturalista. A Medicina Natural (também chamada de Naturopatia) é uma terapia que enfatiza a capacidade intrínseca do corpo para curar-se e manter-se. Naturopatas utilizam recursos naturais como remédios a base de plantas medicinais (Fitoterapia), mas também podem usar, quando necessário, vitaminas, minerais, aminoácidos (Medicina Ortomolecular) e fármacos sintéticos que emulam certas substâncias naturais (como por exemplo a canfora sintética chinesa). 224 trabalhadores tiveram acesso a este tipo de tratamento.

DENTISTA - Os dentes são um dos principais elementos que chamam a atenção em alguém, pelo seu bom ou mau estado. Numa situação profissional é muito importante ter uma boa aparência e os dentes influenciam imenso este parâmetro. Pensando na estética dos trabalhadores em cooperativas o sindicato Sintrascopa disponibilizou de 2005 a 2006, na sua sede na cidade de Palotina, atendimento com Dentista. 171 trabalhadores foram atendidos.

ACUPUNTURA - Recente pesquisa divulgada relata que os trabalhadores de abatedouros enfrentam uma variedade de conseqüências emocionais e psicológicas negativas, incluindo o transtorno de estresse pós-traumático. Pensando no bem estar e na qualidade de vidas dos trabalhadores, atualmente o sindicato mantém em sua sede, o atendimento com Acupuntura.

A acupuntura é altamente indicada para aliviar e tratar dores, distúrbios emocionais entre outros. Trata-se de uma técnica que pode ser usada para reforçar o sistema imunológico e para o tratamento de problemas e doenças como, por exemplo: dores na coluna, muscular, ciático, artrite, ATM, cabeça e lesões desportivas. Também é eficiente no controle da ansiedade, depressão, insônia, estresse, TPM e ajuda melhorar o humor. Além de ser indicada também no tratamento de alergias, intestino, digestivo, tabagismo, alcoolismo, tontura, menopausa, paralisia facial, fogacho e emagrecimento.

Uma profissional da Acupuntura atende os trabalhadores na sede do sindicato Sintrascopa em Palotina a cada 15 dias sempre as segundas-feiras.

PSICÓLOGA - "A psicoterapia é, frequentemente, um espaço para aumentar a auto-observação, para "trazer à consciência" uma parcela maior daquilo que é feito e das razões pelas quais as coisas são feitas". As constantes pressões por resultados cada vez melhores podem ter um efeito extremamente prejudicial tanto para as cooperativas quanto para os trabalhadores, os transtornos

psicológicos já são a terceira maior causa dos afastamentos trabalhistas no Brasil e esses números só tendem a aumentar. Sentindo a necessidade de trabalhar e valorizar o aspecto humano dos trabalhadores, o sindicato Sintrascopa mantém em seus quadros de colaboradores uma profissional na área de psicologia que atende os trabalhadores na sede do sindicato em Palotina sempre as segundas, quartas e sextas-feiras. As terças-feiras a profissional atende os trabalhadores na sede da Delegacia Sindical na cidade de Assis Chateaubriand e nas quintas-feiras, ela atende na Delegacia na cidade de Marechal Cândido Rondon.

ASSESSORIA JURÍDICA - O sindicato Sintrascopa mantém relações diretas com os trabalhadores. É por isso que o sindicato busca, a todo o momento, defender, apoiar e fortalecer os trabalhadores. Não importa se é luta por melhorias nas condições de trabalho ou, ainda, por negociações trabalhistas. O objetivo principal é proporcionar conquistas concretas para toda a categoria.

Na hora de defender e garantir os direitos dos trabalhadores, seja em questões individuais ou coletivas, o sindicato presta assistência jurídica. A assessoria jurídica oferecida pelo sindicato é gratuita e todos os trabalhadores tem acesso.

SALÃO DE BELEZA - Depois de um dia intenso de trabalho, nada melhor do que cuidar da beleza para agradar a pessoa amada e sentir-se melhor consigo mesma ou mesmo. É pensando nisso, na qualidade de vida dos trabalhadores em cooperativas e seus dependentes, que o sindicato Sintrascopa mantém em sua sede na cidade de Palotina e nas Delegacias Sindicais em Assis Chateaubriand e Marechal Cândido Rondon, um amplo e moderno salão de beleza masculino e feminino. Em Palotina, o salão realiza por ano 3.252 atendimentos masculino e cerca de 1.300 atendimentos feminino.

TURISMO DO TRABALHADOR - O Turismo é umas das atividades que mais cresce no mundo e, agora, esse segmento começa a se desenvolver cada vez mais no Brasil. Recente pesquisa tem confirmado que depois do sonho da casa própria, viajar com a família e conhecer as maravilhas espalhadas pelo Brasil a fora, é a meta da grande maioria da classe trabalhadora. Com essas informações, a Federação Nacional dos Trabalhadores Celetistas nas Cooperativas no Brasil – Fenatracoop elaborou e colocou em prática o projeto denominado 'Turismo do Trabalhador'. O objetivo do projeto é proporcionar aos trabalhadores em cooperativas a possibilidade de passar dias agradáveis em família com um custo que cabe perfeitamente no orçamento familiar. Tudo foi estudado e preparado para que os trabalhadores tenham condições de passar pelo menos uma semana de suas férias com a família. Para isso o projeto prevê, em parceria com a secretária de estado de Educação a liberação dos alunos sem prejuízos escolares, dentro do programa denominado 'Semana do Saco Cheio'. Outra situação é com relação ao preço do pacote de turismo e a forma de pagamento. O projeto 'Turismo do Trabalhador' proporciona, por exemplo, que o trabalhador e sua família, tenham condições de passar uma semana desfrutando de toda infraestrutura do Diroma Acqua Park e de suas águas naturalmente quentes. O Diroma Acqua Park é diversão garantida para todas as idades e vai agradar a família inteira, além de conhecer e desfrutar de toda a estrutura turística do município de

Caldas Novas no estado de Goiás pelo valor de R\$ 800,00 por pessoal parcelado em até 10 vezes.

SONHO DA CASA PRÓPRIA - Representar, lutar por conquistas e defender os direitos dos trabalhadores, sempre foi e será o principal papel dos sindicatos. Mas, além disso, também é preciso pensar no bem estar e na qualidade de vida dos trabalhadores e seus familiares. Foi com este objetivo que a direção da Federação Nacional dos Trabalhadores Celetistas nas Cooperativas no Brasil – Fenetracoop elaborou o projeto habitacional Habitrabs. Um amplo e moderno projeto de construção de casas com padrão acima da média e que dará mais dignidade aos trabalhadores.

Filiado a Fenetracoop, o sindicato Sintrascopoa está realizando na cidade de Francisco Alves o projeto de construção de moradias aos trabalhadores em cooperativas. As unidades habitacionais serão de alvenaria, com dois quartos, sala, cozinha americana, banheiro, varanda, lavanderia. O projeto prevê também jardim, calçadas e acessibilidade. Tudo de melhor, valorizando sempre a qualidade de vida dos trabalhadores e seus dependentes. Os imóveis terão o valor de R\$ 95 mil e serão financiados pela Caixa Econômica Federal, através do programa Minha Casa Minha Vida com parcelas que variam de R\$ 349,00 a R\$ 460,00.

(Sintrascopoa)

Desemprego recua para 12,4% em setembro, a menor taxa do ano



O desemprego ficou em 12,4% no trimestre encerrado em setembro - a menor taxa do ano, segundo dados da Pnad Contínua, divulgados nesta terça-feira (30) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em relação ao trimestre anterior, de abril a junho, quando o índice ficou em 13%, a queda foi de 0,6 ponto percentual. Já na comparação com o mesmo trimestre de 2016, quando a taxa chegou a 11,8%, houve alta, também de 0,6 ponto percentual.

“O mercado de trabalho não está estático. Ele está se movimentando. Ainda não podemos dizer se essa movimentação é favorável ou não favorável. A gente tem um ponto favorável que é o aumento da ocupação, o aumento da massa de rendimento, mas no lado negativo temos a informalidade crescendo acima da população ocupada e você não vê movimentação alguma na carteira de trabalho”, disse Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE.

Em setembro, a população desocupada foi registrada entre 13 milhões de pessoas. O número representa uma queda de 3,9% em relação ao trimestre anterior. Frente ao mesmo trimestre do ano anterior, o número de desocupados subiu 7,8%.

A maior queda partiu dos trabalhadores das áreas de agricultura e (menos 400 mil pessoas) e construção (menos 268 mil pessoas).

Com a queda do desemprego, a população ocupada aumentou e chegou a 91,3 milhões, uma alta de 1,2% em relação ao trimestre anterior e de 1,6% sobre 2016. Mesmo assim, o número de empregados com carteira de trabalho assinada ficou estável em 33,3 milhões na comparação com o trimestre de abril a junho. Já na comparação com o mesmo período do ano passado, o número caiu 2,4%, ou seja, cerca de 800 mil pessoas perderam o registro na carteira.

Cimar alertou para possíveis impactos que a redução de postos de carteira de trabalho pode provocar na economia. “Carteira de trabalho assinada é garantia para a concessão de crédito, por exemplo.”

“O que tem elevado a taxa de ocupação é o emprego sem carteira e é o trabalhador por conta própria, que indicam a informalidade. Ou seja, é positiva a queda da desocupação, mas ela se dá pela criação de postos de trabalho com menor qualidade”, afirmou Azeredo.

Segundo os grupamentos de atividade, aumentou o número de ocupados nos ramos de alojamento e alimentação (mais 175 mil pessoas), informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (mais 241 mil pessoas) e administração pública (mais 249 mil pessoas).

Conta própria –

Apesar dessa leve queda do desemprego, o número de trabalhadores por conta própria segue aumentando. No trimestre de julho a setembro, esse grupo chegou a 22,9 milhões: um crescimento de 1,8% sobre o trimestre anterior e de quase 5% em relação a 2016. A quantidade de empregadores, 4,2 milhões, ficou praticamente igual em relação aos trimestres anteriores. A categoria dos trabalhadores domésticos também não teve alteração e foi estimada em 6,2 milhões de pessoas.

Rendimento –

O rendimento médio de quem está empregado ficou estabilizado em R\$ 2.115 tanto em relação ao trimestre anterior quanto ao mesmo período do ano passado. Em relação ao trimestre de julho a setembro de 2016, a renda entre os trabalhadores de agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura cresceu aproximadamente 8%.

Destaques da Pnad de setembro: O desemprego ficou em 12,4% no trimestre encerrado em setembro; o país tinha 13 milhões de desempregados, uma queda de 3,9% em relação ao trimestre anterior. Houve aumento de 7,8% frente ao mesmo trimestre de 2016. No trimestre terminado em setembro, o Brasil tinha 91,3 milhões de pessoas ocupadas. Na comparação com maio deste ano, 1,1 milhão de pessoas a mais estavam ocupadas (1,2%). Em relação a setembro do ano passado, o contingente aumentou em 1,5 milhão de pessoas (1,6%). Em relação à carteira de trabalho assinada, em setembro o contingente de trabalhadores nesta condição seguiu no menor patamar da série histórica da pesquisa, 33,3 milhões.

(G1)